A NUDEZ ENTRA EM CENA. FOTOGRAFIA, CINEMA E TELEVISÃO: UM BALAÇO VISUAL DO DESNUDAMENTO FEMININO BRASILEIRO NAS DÉCADAS DE 1960, 1970 E 1980

ERIC ALLEN BUENO*

I – Introdução

Com a popularização da internet no início do século XXI, tem-se uma grande profusão e facilidade no acesso de imagens de mulheres nuas ou em poses sensuais. Esse não é um fenômeno recente se considerarmos que o nu feminino é um gênero na pintura existente desde, pelo menos, do renascimento.

A grande novidade é a sua massificação e circularidade em nossa cultura visual do mundo ocidental, e em especial, nas mídias brasileiras. Fato muito recente quando pensamos que essa popularização de imagens se dá a partir da segunda metade do século XX. Esse artigo traça um painel geral desta História Visual da nudez e da sensualidade feminina.

O tema da nudez e sensualidade é pouco estudado no campo da História, e quando o é, aparece de forma marginal, sob o enfoque das relações de gênero e da sexualidade. Embora estas sejam importantes "faces" do assunto, não explicam como estas visualidades se desenvolveram no mundo ocidental[2].

Para compreender como esse tema vem se desenvolvendo, parto do enfoque da cultura visual[3], que diferente de uma abordagem semiótica sobre a fotografia e o cinema[4], busca entender como um determinado tema é percebido visualmente.

* Mestrando em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), bolsista CAPES. E-mail: erichistoria@gmail.com

[2] Em geral, esses estudos se focam no sujeito, mas acredito que o assunto só pode ser bem compreendido quando analisado o entorno em relação aos sujeitos e sua constante interação social e cultural.

[3] Também chamada de Estudos Visuais.

[4] Como as propostas por: CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. 13. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p.401-417.

Isso difere da maioria das pesquisas em História, que até o momento, analisam a *imagem* e não as relações visuais que sempre estão sempre presentes[5]. Paulo Knauss nos diz que

> Os estudos visuais, seguindo a inspiração dos estudos culturais, defendem que os sentidos não estão investidos em objetos. Ao contrário, o conceito de cultura visual sustenta o pressuposto de que os significados estão investidos nas relações humanas. É nesse sentido que a cultura é definida como produção social e, por isso, o olhar pode ser definido como construção cultural. Nesse sentido, as definições materiais e tipológicas devem ser concebidas como elementos do processo de significação. O objeto individual é integrado numa ampla rede de associações e de valores que integram as competências visuais (KNAUSS, 2006: 113-114).

Em outras palavras, tudo o que vemos é filtrado por nossa cultura e é ela que dá sentido às informações visuais. Sendo assim, a visualidade é a visão socializada (WALKER e CHAPLIN, 1997).

Nos últimos anos vem se desenvolvendo a História Visual, ou seja, a apropriação dos conhecimentos da Cultura Visual aplicados para a escrita da História. Segundo Ulpiano Bezerra de Meneses, para o estudo de fontes visuais deve-se atentar para três grandes questões: o *visual*, o *visível* e a *visão* (MENESES, 2005: 35-39).

O visual corresponde a *iconosfera* (sistema de comunicação visual, ambientes visuais da sociedade, instituições visuais, condições técnicas, sociais e culturais de produção, circulação, recepção e ação dos recursos e produtos visuais) onde se deve procurar identificar quais são os sistemas de comunicação visual estão em ação.

O visível, assim como seu oposto, o invisível, se refere a aquilo que uma sociedade/grupos sociais dão visibilidade/invisibilidade, o que é legítimo e o que é condenado cultural e sociamente. Numa sociedade oculocentrista como a nossa, a visibilidade é regida por normas culturais que legitimam e condenam determinadas visualidades (a pornografia, por exemplo, só é permitida em mídias específicas, mas a sensualidade pode ser encontrada em qualquer coisa).

[5] Ulpiano Bezerra de Meneses também aponta que se existem "Regimes de Historicidade", da mesma forma também há "Regimes de visualidade", o que é muito mais complexo do que a imagem em si. Ver: MENESES, Ulpiano Bezerra de. Visão, visualização e usos do passado. In: **Anais do Museu Paulista**. jul-dez., 2007, pp.117-123.

Já a visão

> compreende os instrumentos e técnicas de observação, o observador e seus papéis, os modelos e modalidades do olhar (o olho de relance, o olhar patriarcal, o olhar retificador, o olhar masculino, o olhar turístico, o olhar erótico, o olhar casto, o olhar reprimido ou condicionado, etc.). A pressuposição é a dupla mão de direção entre o olhar e seu objeto (MENESES, 2005: 38-39)

A visão é uma construção histórica onde os sujeitos inserem suas impressões objetivas/subjetivas sobre determinado tema. Transparecendo assim o seu posicionamento perante o mundo. A análise das fontes que usarei aqui segue estas indicações.

Mas voltemos para o tema da nudez e sensualidade. Primeiramente, cabe destacar que a sociedade ocidental vêem de formas diferentes os homens e as mulheres. O sentido da visualidade de cada gênero é diferente. Quando nasce uma criança, o (a) médico(a) parte da diferença visual de masculino e feminino para classificar sexualmente o novo indivíduo. Para Thomas Laqueur isso quer dizer que, antes de ser biológico, a cultura já determina a existência de dois sexos (e não mais do que isso), e as instituições (como a família, a escola, entre outras) vão "moldar" o indivíduo para se adequar a esta identidade sexual que foi previamente escolhida no seu nascimento (LAQUEUR, 2001).

A partir daí, o meio social produz as diferenças comportamentais, corporais e visuais de homens e mulheres.

Um segundo ponto que merece destaque é a diferença de representações visuais da *nudez* e *sensualidade* para as de *pornografia* e a *sexualidade*. A nudez a que me refiro está diretamente ligada à História da Arte, o "nu artístico". Para a pergunta o quê é o nu, o historiador da arte Kenneth Clark nos diz que:

> É uma forma de arte, inventada pelos Gregos no séc. V a.c., tal como a ópera é uma forma de arte inventada na Itália no séc. XVIII. A conclusão é certamente demasiado abrupta, mas tem o mérito de evidenciar que o nu não é assunto da obra de arte, mas forma de arte (CLARK , 1956: 26-27).

E que este nu não é qualquer tipo de corpo despido, mas sim um que agrada a quem o vê. E para isso, não importe se é um artista que pinta um quadro ou um fotógrafo, ambos buscam interferir na realidade, mudando a luz, buscando o melhor ângulo e posição, usando de todas as artimanhas técnicas e artísticas para causar o efeito visual mais belo e impressionante. O nu na contemporaneidade tem esse aspecto, o de criar uma imagem bela diretamente ligada a concepções artísticas. É por isso que revistas como a *Playboy* e *Vip* não podem ser classificadas como "pornográficas" pois suas fotos vão em direção a uma estética da beleza artística e evitando representações de sexo explícito.

Já a *pornografia* como uma categoria de representação conceitual e visual é datada a partir do século XVI quando se desenvolve a imprensa e se difunde na Europa uma literatura erótica e pornográfica (HUNT, 1996). Sendo que os livros do Marquês de Sade são um marco nesse tipo de publicação[6]. Embora a diferença entre o erótico e o pornográfico não sejam claras[7], atualmente Afonso Medeiros vem apontando que a diferença entre erótico e pornográfico é discursiva e que deveríamos tratá-la como "porno-erótica" pois as diferenças de uma pra outra é liquida, dependendo do contexto em questão (MEDEIROS, 2008). Por outro lado, no livro "A invenção da pornografia" organizado por Lynn Hunt, todos os historiadores entendem a pornografia, seja na literatura ou nas ilustrações, como caracterizada pela representação do ato sexual (HUNT, 1996). E atualmente é esse o sentido mais claro. Porem, concordo com Medeiros ao apontar que a diferença é discursiva. O senso comum costuma classificar as imagens dos órgãos sexuais como pornográficas, mas isso é um preconceito contemporâneo, facilmente refutável quando pensamos em outras culturas e em outras temporalidades como a dos gregos antigos, por exemplo, possuíam uma relação com o corpo mais aberta e menos contaminada por um moralismo (VRISSIMTZIS, 2002).

Em seguida, o quê seria *sensualidade*? Este é um termo muito efêmero e não encontrei autores que o conceituem. Então me voltei para o sentido do dicionário Aurélio: "[Do lat. Tard. *Sensualitate*] 1. Qualidade de sensual. 2. Lubricidade, volúpia,

[6] Especialmente os livros: SADE, Marquês de. **120 Dias de Sodoma**. São Paulo: Iluminuras, 2006; SADE, Marquês de. **A Filosofia na alcova.** São Paulo:Círculo do Livro, s.d.

[7] Exemplo disso é o livro de Eliane Moraes e Sandra Lapeiz, que embora seja muito interessante, o conteúdo não responde a pergunta título, ver: MORAES, Eliane R. e LAPEIZ, Sandra M. **O que é pornografia**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

lascívia, luxuria; sensualismo. 3. Amor aos prazeres materiais. 4. Filos sensibilidade" (FERREIRA, 2004: 1829). Já o dicionário Houaiss diz que a sensualidade é

> 1. Qualidade ou caráter de sensual. 2. Inclinação pelos prazeres dos sentidos; voluptuosidade. 3. Propensão exagerada aos prazeres do sexo; lubricidade, volúpia, lascívia, luxuria, sensualismo. 3.1. PSICOP estado ou caráter do que é dominado ou não controla os mais primitivos apetites ou emoções corporais. 4. Gratificação obtida pela estimulação dos sentidos. 5. Sensibilidade, faculdade de perceber sensações, sentir, sensibilidade (HOUAISS e VILLAR, 2009: 1729).

O problema é que estes são sentidos contemporâneos e não são conceituados, mas sim remetem a outros signos cujo sentido é proporcionalmente diverso. É óbvio que a *sensualidade* é um conceito que muda conforme andam as culturas no tempo. Hoje, uma garota andando de mini-saia é algo comum, mas seria algo impensável/impraticável no tempo de nossas avós. Parece-me que o termo *sensualidade* vive diluído com o *erotismo*, este por sua vez sempre aparece fazendo relação com a pornografia como aponta Afonso Medeiros.

Na falta de um modelo coerente, para mim, a *sensualidade* é: 1º Uma convenção cultural de tom sexual que muda no decorrer do tempo, aparecendo na forma visual, gestual, verbal e, sobretudo na postura corporal de um indivíduo perante o olhar do outro. 2º É um jogo de imagens marcado pelo contraste de mostra e esconder o corpo ao mesmo tempo. Este é o sentido que desenvolvo neste trabalho.

Já a *sexualidade* se encontra no plano sexual diretamente ligada ao ato e preferências sexuais, de suas práticas e também da construção da afetividade e sensibilidade cotidianas, além dos discursos sobre o sexo (ENGEL, 1997: 297-311). Diferente da sensualidade que está num plano mais visual e de representação e teatralização.

II – Tempos desnudos

A década de 1960 pode ser percebida como um período de muitas rupturas no Brasil, embora o plano político com a ditadura civil-militar de 1964 seja o caso mais

marcante, no plano cultural há uma multiplicidade de processos ocorrendo, seja musical com a consolidação da Bossa Nova e emergência da Tropicália e do Sertanejo, ou dos movimentos sociais como os estudantis que colocam a figura do Jovem e da "contracultura" como novos agentes sociais e históricos. Nesse mesmo período, outro aspecto cultural está se desenvolvendo: o "desnudamento" do corpo da mulher.

O primeiro grande marco disso é o filme *Os cafajestes* do diretor Ruy Guerra, de 1962, causando polêmica na época por exibir o primeiro nu frontal feminino no cinema brasileiro. A cena acontece em uma praia onde um playboy (Jace Valadão), para extorquir o tio, engana uma garota que fica nua e com a ajuda de um cúmplice, tira várias fotos para desespero da moça. Desta forma abrupta, inicia-se a tradição da nudez e sensualidade feminina no cinema nacional. Aparecendo até em produções com um tom mais moralista, como no filme "Tropeiro Velho", de 1979, de Teixeirinha

Embora o período de 1960/1970 tenham ficado famosos com os movimentos de "contracultura", e em especial o movimento *hippie* com seu modo de vida alternativo, seu discurso de "faça amor não faça guerra" e a nudez e presentes em *Woodstock* (1969) que ganham status de liberdade e protesto contra a sociedade moralista, percebo que o seu impacto não é tão grande na cultura visual quanto a História predominante faz pensar. Se por um lado neste período a segunda onda de feministas estava queimando sutiãs e gritando por igualdade de direitos e liberdade sexual, por outro, a grande mídia estava desnudando o corpo feminino, evocando sua sensualidade para o deleite dos olhos masculinos.

Na revista *O Cruzeiro*, o mais importante periódico brasileiro da época, eram comuns as fotorreportagens sobre concursos de beleza e de misses. E desde os anos 1950, Accioly Netto, o diretor da revista já comentava as mudanças de comportamento e de visualidades:

> As praias estavam sempre repletas de moças bonitas, exibindo novos tipos de maiô, algumas inclusive já usando o chamado "duas peças", com calça e bustiês sumários para a época – o que constantemente causava escândalo entre as beatas ou entre as leitoras do interior do Brasil. Mas os homens adoravam tais exibições... e isto fazia vender revistas (NETTO, 1998: 49)

E na segunda metade dos anos 1960 o processo de desnudamento feminino é muito presente nas páginas de *O Cruzeiro*. E pode ser percebido em uma diversidade de fotorreportagens que vão desde concursos de rainhas de praia[8], sobre arte[9], o carnaval[10] o cinema[11] e muitos outros assuntos. Também se destacando as matérias que evocavam a sensualidade feminina e procuravam orientar técnicas de sedução (ver: Fig.01), isso é bem diferente das matérias típicas dos anos 1940 e 1950 quando se propagavam discursos e conselhos para que a mulher fosse bem comportada e procurasse ser bela apenas para os olhos de seu marido (ver: MALUF e MOTT, 1998: 367-421 e SERPA, 2003).



Fig.01: Maneiras sexy de sentar. *O Cruzeiro*. 7/11/1969.

Também se destacavam matérias em forma de strip-tease (Ver: Fig.02) e várias outras que procuravam "despir" o corpo feminino e exaltar sua beleza. Sendo que a mulher branca, morena e de classe média carioca é o principal modelo estético naquele momento.



Fig.02: Wanda sai da lata. *O Cruzeiro* 16/10/1966

[8] *O Cruzeiro*, 22/04/1967.

[9] *O Cruzeiro*, 24/07/1969.

[10] *O Cruzeiro*, 07/03/1973.

[11] O Cruzeiro, 16/06/1970.

Já em agosto de 1975, chegava em todas as bancas a *Revista do Homem,* a versão brasileira da revista *Playboy* estadunidense, e que devido a censura, só viria a receber esse nome em julho de 1978. As suas primeiras edições tinham poucas fotos de mulheres e a sensualidade era "amena" (resultado do contexto de Ditadura Civil-militar, mas que já passava pelo processo de abertura). Um aspecto interessante é que de 1975 até julho de 1976 ainda não havia a "garota da capa", ou seja, a mulher da capa não era a mesma e nem tinha relação com as fotografias e matérias da revista.

Ainda nesses primeiros anos, a narrativa fotográfica da *Playboy* era cópia da sua matriz dos EUA, com muitas matérias importadas. Sendo que existia a presença masculina, aparecendo nas margens (por vezes só uma parte de seu corpo era exibida como o braço e a mão) e que procuravam tocar o corpo nu da mulher (Ver: Fig.03), ou de outras formas que sublinhavam um sentido de posse do sexo oposto.



Fig.03*: Revista do Homem*, Julho/1976

A partir dos anos 1980, as fotografias de mulheres brasileiras se tornam dominante e podemos falar de uma estética fotográfica da nudez feminina brasileira. A presença masculina se torna rara. E as marcas de biquíni no corpo diminuem, o que evidência o encolhimento da peça. A quantidade de fotos aumenta consideravelmente. E há um diálogo com o cinema nacional e internacional com matérias relacionadas as suas musas como Bo Derek (Mary Cathleen Collis)[12], Lucélia Santos[13], Xuxa[14], Claudia Raia[15] só pra citar algumas.

[12] Símbolo sexual dos anos oitenta, participou como Jane no filme "Tarzan the ape man". Ver: *Playboy*, outubro de 1981.

[13] Interpretou a dançarina Luz del Fuego, no filme de mesmo nome e que contava a história de vida de Dora Vivacqua, uma polêmica artista brasileira que ficava nua em público e até chegou a tentar cria o "Partido Nudista Brasileiro" (PNB). Ver: *Playboy*, novembro de 1981.

A edição de julho de 1985 traz uma novidade, no ensaio de Monique Evans[16], suas fotografias são as primeiras em que aparecem tatuagens. Localizadas em locais íntimos (no total de três: uma no cóxis; uma no seio esquerdo; e uma acima do sexo). Garotas tatuadas só iriam voltar a aparecer nos fins dos anos 1990 e tornando-se muito comuns a partir dos 2000. Mas podemos perceber que para os anos 1980, a tatuagem não se enquadrava no padrão dominante de beleza brasileiro, nem como uma forma de arte específica, e sua localização era secreta, sendo invisível publicamente[17].

Também existem dois padrões de ambientes visuais na *Playboy*. O primeiro é o de interiores cotidianos, ou seja, fotografias tiradas em casas onde o corpo feminino interage com o ambiente doméstico, sobretudo em camas. O segundo é o ambiente ao ar livre, principalmente em praias e rios. O contraste do corpo molhado e sua luminosidades ao sol são aspectos explorados até hoje. As fotos são predominantemente coloridas, sendo raras as em preto-e-branco, talvez isso se deva ao fato de que estas últimas perdem a impressão de realidade que a publicação persegue.

Há de se destacar ainda os cenários montados, embora não sejam freqüentes, aparecem como representações estereotipadas de ambientes públicos como academias e praias, embora o mais comum seja o corpo nu tendo ao fundo um tecido macio e de cor vibrante e única.

Nos anos 1980 a televisão se torna a principal mídia visual do país. E no mesmo período, a nudez e sensualidade feminina entram em cena. Principalmente na segunda metade da década (em pleno processo de redemocratização). Em 1987, Isadora Ribeiro esbanjava sensualidade na abertura do *Fantástico* e logo em seguida posou para a *Playboy*[18]. Maitê Proença Gallo era uma das mulheres mais lindas do país e protagonizou o primeiro nu feminino na televisão na novela *Dona Beija*, em 1986, na *TV Manchete*. Da mesma emissora, a novela *Pantanal* (1990) não só trazia uma onça

[14] Antes de ser a rainha dos baixinhos, a simpática loira fez a alegria dos adultos no filme "Amor estranho Amor", lançado em 1982, no mesmo ano, ela posa para a revista. Ver: *Playboy*, dezembro de 1982.

[15] Na edição de *Playboy* de março de 1984, o ensaio fotográfico de Claudia Raia faz uma clara referencia ao filme Flashdance (1983).

[16] Ver: *Playboy*, julho de 1985.

[17] Na atualidade, vemos uma grande difusão de tatuagens no corpo feminino em partes do corpo visíveis em público (braço, perna, costas, pescoço, etc.) e ao mesmo tempo, os estúdios de tatuagens vem apontando o aumento na difusão de "tatuagens secretas" (piercings e tatuagens genitais). Ver: COSTA, Fátima. "Meus piercings e as minhas tatuagens secretas". In: Bella Tattoo. Ano III, nº21, sd.

[18] Ver: *Playboy*, fevereiro de 1988.

que se transformava em uma mulher nua em suas cena de abertura como ficou famosa pelas cenas de nudez e sensualidade da atriz Cristiana Oliveira (Juma Murruá, na novela). O corpo despido também foi tema da abertura da novela *Tieta* (1989-1990) da *Rede Globo*[19] (ver Fig.04).



Fig.04*:* Cena da abertura da novela "Tieta". O corpo nu feminino aparece se distorcendo tridimensionalmente em um ambiente de praia

Já no cinema, a nudez e sensualidade tomam forma diversa, depois do já citado *Os cafajestes*, o filme *Macunaíma* (1969) é um dos mais significativos pela sensualidade da personagem Ci com sua camisa entreaberta e na própria exposição dos seios desnudos, apresentados de forma natural e desafiadora por uma personagem guerrilheira, numa alusão aos movimentos de luta armada contra a Ditadura Civil-militar (Ver Fig.05).



Fig. 05*:* Cena do Filme *"Macunaíma"*. Destaque para o detalhe do quadro na parede em que aparece Ci em uma pose sensual e segurando armas. A exibição dos seios vira um ícone visual nos anos 1970 e 1980.

Em contrapartida, a nudez feminina ao longo do resto do filme está associado ao mundo indígena que, supostamente, é um ambiente "natural" onde os humanos praticam sua sexualidade e sua relação com o corpo de forma "inocente" e mítica.

Por outro lado, no filme *Como era o gostoso meu francês* (1970), o enredo de uma tribo indígena ajudou a produção a fugir da censura, mas a nudez feminina é retratada segundo uma apropriação da cultura indígena onde o corpo não está realmente desnudo,

[19] É a partir de 1990 que a emissora cria a "Globeleza" para o período de carnaval, iniciando uma tradição de performance do corpo despido que dura até hoje.

mas sim, está coberto pelas tradições culturais que vão de "mini-tangas" às pinturas corporais que funcionam como roupas tribais.

Uma outra visualidade é percebida nos filmes italianos *O incrível exército de Bracaleone* (1966) onde um banho rio é pretexto para a exposição do corpo feminino e atração do olhar masculino. Sendo que está idéia-chave é repetida nas produções nacionais como *Tropeiro Velho* (1979) e *Adeus Mariana* (1985).

O filme *Barbarella* (1966), a primeira adaptação de uma heroína dos quadrinhos para o cinema, traz um novo sentido para a nudez e sensualidade embora repita o estereótipo da loira como o grande modelo de beleza. Neste filme, a personagem Barbarella, interpretada por Jane Fonda, usa a sedução como arma de persuasão e sua nudez entra em contraste com a ausência de gravidade e o cenário futurista pressupõe uma nova relação com o corpo e com os prazeres.

Nos anos 1970, especialmente entre 1972 a 1982, houve o surgimento e período de maior sucesso das *pornochanchadas* (ABREU, 1996: 74-79). Influenciadas pelo cinema italiano e realizadas com poucos recursos, foram produzidas no bairro da Luz em São Paulo (ficando conhecido como a "Boca do lixo") e "expunha a nudez (cuja fartura estava quase sempre em relação direta com a fartura da bilheteria) insinuando, às vezes deformando, mais do que exibindo" (ABREU, 1996: 75-76). Nos anos 1980 o videocassete se populariza e as pornochanchadas praticamente desaparecem, substituídas por produções audiovisuais de pouco (ou nenhum roteiro) que consistiam simplesmente na filmagem do ato sexual.

Assim, ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980 o corpo feminino vai sendo despido, tornado sua a nudez uma das características da cultura visual ocidental.

III – Considerações "finais"

Neste trabalho, procurei fazer um breve painel de como a nudez e a sensualidade feminina se desenvolveram em nossa cultura visual nas décadas de 1960, 1970 e 1980. É claro que por ser um tema amplo, com uma quantidade de fontes vasta, e por ser um período grande, ainda demandam mais pesquisas e maior aprofundamento, minha intenção foi mais de historicizar o assunto do que chegar a alguma conclusão mais específica.

Contudo, podemos perceber um processo de "desnudamento" ocorrendo e essa nova visualidade (ou processo visual) contribuí para uma nova e positivada percepção do corpo feminino. A beleza e juventude são palavras de ordem. E uma maior exposição do corpo causa uma maior aceitação social de seu desnudamento. A mulher se torna um objeto a ser visto e admirado. Mirian Goldenberg aponta que na sociedade atual o corpo ganhou um grande poder simbólico, mesmo que o indivíduo não possua capital econômico ou cultural, o simples fato de possuir um corpo belo lhe abre possibilidades de ascensão social, pois ele é um capital simbólico apreciado por nossa cultura da boa aparência (GOLDENBERG, 2007).

A grande questão que se coloca na pesquisa é como analisar uma representação visual usando simultaneamente múltiplas fontes visuais (fotografia, cinema, televisão). Como cada uma tem suas particularidades, desenvolveu-se uma bibliografia considerável sobre cada uma, mas quase nada sobre como tratá-las teórica e metodologicamente em conjunto.

Da mesma forma que Robert Rosenstone (2010) aponta que os filmes (poderíamos acrescentar a televisão e agora a internet) são fontes visuais que constroem um tipo de representação do passado, portanto, são formas de se contar a história e que popularizam certas representações para um público amplo e ao mesmo tempo registram o contexto social de sua produção, é imprescindível a sua problematização para a pesquisa histórica. Acredito que um dos caminhos possíveis para a análise seja pensar como são as linhas narrativas de cada fonte e como elas se entrelaçam na cultura visual de cada contexto histórico.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Nuno César. **O olhar pornô**: a representação do obsceno no cinema e no video. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

BERGER, John. **Modos de Ver.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. 13. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p.401-417.

CLARK, Kenneth. **O nu:** um estudo sobre o ideal em arte. Lisboa: Editora Ulisseia, 1956.

GOLDENBERG, Mirian (org). **O corpo como capital:** estudo sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2007.

_____. **Nu e vestido:** dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HUNT, Lynn (org). **A invenção da Pornografia**: obscenidade e as origens da modernidade. 1. ed. São Paulo: Hedra, 1999.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v.8, n. 12, p.97-115, jan-jun. 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Realidade e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventado o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAES, Fernando A. SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.367-421.

MEDEIROS, Afonso (org.) **O imaginário do corpo**: entre o erótico e o obsceno: fronteiras líquidas da pornografia. Goiânia: FUNAPE, 2008.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: O ofício do historiador, **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.23, n.45, jul. 2003.

_____. Rumo a uma "História Visual". In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (Org). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

_____. Visão, visualização e usos do passado. In: **Anais do Museu Paulista**. jul-dez., 2007, pp.117-123.

MIRZOEFF, Nicholas. **Una introducción a La cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.

MORAES, Eliane R. e LAPEIZ, Sandra M. **O que é pornografia**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra de. **Corpo, beleza e gênero:** rupturas e continuidades na instituição de diferenças entre homens e mulheres. Uma leitura a partir da imprensa (1950-1980). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

ROSENSTONE, Robert. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SADE, Marquês de. **120 Dias de Sodoma**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

SADE, Marquês de. **A Filosofia na alcova.** São Paulo:Círculo do Livro, s.d.

SERPA, Leoni Teresinha Vieira. **A máscara da modernidade**: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945). Passo Fundo: UPF, 2003.

VRISSIMTZIS, Nikos A. **Amor, sexo e casamento na Grécia antiga:** um guia da vida privada dos Gregos antigos. São Paulo: Odysseus, 2002.

WALKER, John A. and CHAPLIN, Sarah. **Visual culture**: an introduction. Manchester/New York: Manchester University Press, 1997.